

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Narcisismo e Melancolia em Psicologia das Massas e Análise do Eu: aproximações

Narcissism and Melancholy in Group Psychology and the Analysis of the Ego: approximations

Narcisismo y Melancolía en Psicología de las Masas y Análisis del Yo: aproximaciones

Mateus Abreu Pereira¹ & Mauricio Rodrigues de Souza²

¹ Universidade Federal do Pará. E-mail: mateuspereira21@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2947-4050>

² Universidade Federal do Pará. E-mail: souza.mr@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6290-000X>

Informações do Artigo:

Mateus Pereira
mateuspereira21@gmail.com

Recebido em: 05/03/2020
Aceito em: 15/06/2020

RESUMO

Ao levar em conta a sua importância tanto metapsicológica quanto social, este artigo traça um itinerário das noções de narcisismo e melancolia no escopo de "Psicologia das Massas e Análise do Eu". Neste sentido, ao promover uma reconstituição do caminho que se inicia em "Introdução ao Narcisismo" e "Luto e Melancolia" até a reaparição desses conceitos no texto sobre a psicologia das massas, pretende lançar luz sobre os processos de idealização, identificação e introjeção que, de acordo com Freud, ladrilham uma continuidade entre sujeito e sociedade. Conclusivamente, aponta possíveis conexões entre a cisão do Eu, a servidão melancólica e as tentativas de reaver um narcisismo mediante a imersão nas massas hodiernas.

PALAVRAS-CHAVE:

Narcisismo; Melancolia; Massas.

ABSTRACT

Taking into account both its metapsychological and social importance, this article traces an itinerary of the notions of narcissism and melancholy within the scope of Freud's "Group Psychology and the Analysis of the Ego". Therefore, through a reconstitution of the path that begins in "On Narcissism: an introduction" and "Mourning and Melancholia" until the reappearance of these concepts in the text about the psychology of the masses, it intends to shed some light on the processes of idealization, identification and introjection that, according to Freud, tile a continuous line between subject and society. In conclusive terms, the present work points out some possible connections between the splitting of the Ego, the melancholic servitude and the attempts to recover a narcissism upon the immersion in the contemporary masses.

KEYWORDS:

Narcissism; Melancholy; Masses.

RESUMEN

Al tener en cuenta su importancia metapsicológica como social, este artículo traza un itinerario de las nociones de narcisismo y melancolía en "Psicología de las Masas y el Análisis del Yo". En este sentido, a través de una reconstitución del camino que comienza en "Introducción al Narcisismo" y "Luto y Melancolía" hasta la reaparición de estos conceptos en el texto sobre Psicología de las masas, se pretende discutir los procesos de idealización, identificación e introyección que, según Freud, enmarca una continuidad entre el sujeto y la sociedad. En conclusión, el presente trabajo señala algunas posibles conexiones entre la división del Yo, la servidumbre melancólica y los intentos de recuperar un narcisismo que se expande por la inmersión en las masas contemporáneas.

PALABRAS CLAVE:

Narcisismo; Melancolía; Masas.

Diversamente do que, ao menos em tese, poderíamos esperar de uma obra às vésperas de completar cem anos de publicação, *Psicologia das Massas e análise do Eu* continua a suscitar novas leituras e interpretações. Neste sentido, ao longo das páginas que compõem os seus onze capítulos, encontram-se diversas ideias e passagens do texto de Freud (1921/2011) que, além de figurarem como valiosas referências para estudos e contribuições atuais no interior da própria psicanálise, seguem inspirando estudiosos das mais variadas áreas do conhecimento, tais como: psicólogos sociais, filósofos, sociólogos, dentre outros.

O texto veio a lume em um período atribulado não só para Freud, mas também no contexto mundial. Afinal, antes da Primeira Grande Guerra, a comunidade psicanalítica liderada por Freud sofrera um forte abalo com o rompimento entre este e o suíço Carl Jung, até então "príncipe herdeiro" da psicanálise. Mais complicações adviriam com a eclosão da guerra, com a destruição de um sem número de cidades e milhares de mortes diárias. Tal cenário motivou Freud a evidenciar sua desolação com o pendor das aglomerações

humanas à destrutividade e à barbárie no artigo *Considerações Atuais Sobre a Guerra e a Morte* (Freud, 1915/2010). Assim, ainda que de maneira não exclusivista, é possível dizer que a experiência da guerra teve influência significativa sobre as modificações que seriam paulatinamente empreendidas por Freud em sua teoria, desde a proposição de uma pulsão de morte em *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2010) até a culminância da segunda teoria do aparelho psíquico em *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011).

É nesse contexto que também *Psicologia das Massas e Análise do Eu* aparece como um texto importante para qualquer tentativa de compreensão do movimento de transição da primeira para a segunda tópica na obra de Freud. Em seu conteúdo, vários conceitos da psicanálise são mobilizados na tentativa de vislumbrar a estrutura e a motivação das formações de massa. É Strachey (1940) quem nos traz algumas informações interessantes sobre o processo de escrita e concepção do texto, escrito entre fevereiro de 1920 e março de 1921. Segundo ele, o conteúdo final converge e aproveita pouco das importantes modificações que lhe antecederam em *Além do Princípio do Prazer*. Ao apreciar a questão das massas sob a sua lente, Freud (1921/2011) retoma conceitos contidos em trabalhos como *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2013), *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010) e *Luto e Melancolia* (Freud, 1917/2010), além de uma análise crítica dos trabalhos desenvolvidos junto a Charcot e Bernheim.

Para Goldenberg (2014), por exemplo, a análise das massas aparece como um artifício largamente utilizado por Freud para solidificar sua teoria acerca dos processos de identificação. Já outra linha de entendimento, que tem em Jonsson (2013) um de seus representantes, visualiza certo exagero aí, uma vez que Freud também teria outras motivações para a escrita do texto, tais como as tensões e os conflitos dentro da comunidade psicanalítica da época, o crescimento de manifestações antissemitas e o papel da coletividade na época da Primeira Guerra.

Levando em conta tal debate, bem como o alcance e as limitações inerentes ao espaço de um artigo, o principal objetivo deste estudo aparece como o de traçar um itinerário e algumas aproximações entre os conceitos de narcisismo, melancolia e massa no pensamento freudiano, utilizando para tanto alguns dos argumentos centrais que se fazem presentes em *Introdução ao narcisismo*, *Luto e melancolia* e *Psicologia das Massas e Análise do Eu*.

Convém, então, justificarmos a escolha desses conceitos, escolha esta que aparece, por exemplo, a partir da observação de que tanto o narcisismo quanto a melancolia se remetem de maneira direta à especialização de uma instância separada do Eu que atua incessantemente como um outro internalizado por vias identificatórias. Associada à importância desta inter-relação entre narcisismo, melancolia e identificação em Freud, advogamos, aqui, ainda o valor da análise desses conceitos como possibilidade de um avanço na compreensão da dinâmica entre sujeito/sociedade e identidade/alteridade que se faz presente em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, em que é possível identificar que tanto o narcisismo quanto a melancolia aparecem diretamente associados à atuação de um ideal do Eu (*Ichideal*) que, sucedâneo do Eu Ideal (*Idealich*), adquire, para Freud (1921/2011), suma importância como elemento motivador do comportamento das massas. Algo nesse sentido é expresso no seguinte excerto reproduzido abaixo:

Já em ocasiões anteriores (“Narcisismo”, “Luto e melancolia”) fomos levados à suposição de que em nosso Eu se desenvolve uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele. Nós a chamamos de “ideal do Eu” e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão. Dissemos que é a herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu. Constatamos, além disso, que no delírio de observação se torna patente a decomposição dessa instância, desvelando sua origem nas influências das autoridades, sobretudo dos pais. Mas não deixamos de acrescentar que a medida da distância entre esse ideal do Eu e o Eu real varia bastante de um indivíduo para outro e que, em muitos, essa diferenciação no interior do Eu não é maior do que na criança. (Freud, 1921/2011, p. 67-68)

A fim de alcançarmos o objetivo central exposto acima, subdividimos o presente trabalho em quatro seções distintas. Na primeira delas, faremos comentários específicos acerca do entendimento freudiano sobre a psicologia das massas mediante a exposição dos argumentos do livro de 1921, movimento este

complementado por um contraponto em relação aos autores que antecederam Freud (1921/2011) na análise do tema. Em seguida, discutiremos elementos da noção de narcisismo e como esta reaparece no texto sobre as massas. A mesma coisa se dará na terceira seção, devotada ao conceito de melancolia. Por fim, nossa quarta e última seção aparecerá sob a forma de algumas considerações finais.

Da Multidão à Massa: Breves Comentários Sobre a *Massenpsychologie* Freudiana

Sem dúvida, compreender o papel das massas como nova força coletiva no tecido social da segunda metade do século XIX representava um considerável desafio para quem se propusesse a analisar o tema, com os aglomerados urbanos e seus efeitos na sociedade passando à qualidade de objetos de estudo para sociólogos, juristas e filósofos. Nestes termos, uma pioneira e relevante investigação do tema pode ser encontrada na *Psicologia das Multidões* de Le Bon (1895/1995). Segundo ele, uma massa se diferenciaria da mera aglomeração de indivíduos por constituir uma alma coletiva capaz de modificar a maneira como os indivíduos agem e pensam. Com efeito, a ação dos membros da massa não aparece aqui como de ordem consciente, obedecendo a leis psicológicas específicas e diferentes daquelas da psicologia individual.

Ainda para Le Bon (1895/1995), outro atributo da massa é aquele da sugestionabilidade. Assim, um indivíduo com habilidoso poder de hipnotizar poderia sugestionar um grande número de pessoas, tornando-se seu líder. Mediante a repetição de ordens e do apelo à irracionalidade, tal líder se tornaria capaz de tirar proveito da massa e da sua sede de submissão, contando, para tanto, com a força dos afetos como principal artifício. Acompanhando Le Bon (1895/1995), também outros estudiosos da época apontavam para a sugestão como um fator determinante para a compreensão da psicologia das massas, dentre eles Tarde (1888/1993) e McDougall (1920/1973).

Mediante uma revisão daquilo que foi proposto por estes autores, Freud (1921/2011) condensa suas contribuições sobre o tema em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Apesar de tomar emprestadas algumas das noções propostas por seus antecessores, Freud (1921/2011) endereça uma série de críticas e divergências em relação a eles. Neste sentido, destaca sua discordância ante qualquer clara distinção ou oposição entre psicologia individual e psicologia social, afirmando que toda psicologia seria social em alguma medida, posto não ser possível imaginar uma psicologia que prescindisse do outro, da diferença. Por conseguinte, as leis que

governariam a psicologia individual e a psicologia das massas seriam basicamente as mesmas.

Freud (1921/2011) tampouco aquiesce no que diz respeito à compreensão – como vimos há pouco, bastante em voga em sua época – de que a massa seria unificada mediante o emprego da sugestão. E o faz por considerar inexistentes nos trabalhos de seus antecessores elementos suficientes para uma explicação suficientemente sólida acerca da natureza da própria sugestão, o que faria dela uma nuvem de fumaça que encobriria os reais motivos da ligação entre os indivíduos na massa. Para Freud (1921/2011), as massas se ligariam por meio da libido – isto é, a expressão, em termos de energia pulsional, costumeiramente associada à ideia de “amor”.

Ainda nos termos de Freud (1921/2011), os investimentos libidinais entre os membros da massa seriam exercidos como identificações, isto é, a assimilação de traços e caracteres do Eu a partir de certo modelo externo. No caso em questão, a ligação com o líder. Ocorre que este Eu em questão, pródigo em identificações, já seria dividido e habitado por uma instância que acolheria as influências do meio, instância esta denominada por Freud (1921/2011) de ideal do Eu, cerne da influência e admiração exercidas pelas autoridades desde o seio familiar e modelo para o processo de identificação do indivíduo com a cultura.

Vale lembrar que, ainda segundo Freud (1921/2011), uma das formas de influência da cultura sobre cada um de nós se daria por meio de sucessões identificatórias, o que ocorreria justamente mediante a especialização do ideal do Eu, acolhedora dos ideais sociais aos quais o sujeito se adéqua ao longo da vida, herdeiro da admiração e da influência de pais, cuidadores e modelos de autoridade apresentados desde a infância. É neste lugar que se assentará a influência do líder, podendo o indivíduo justapor ou substituir os seus ideais de Eu pelo ideal da massa, personificado na figura de liderança.

Diante disso, para Freud (1921/2011), estabelecer-se-ia aí uma bifurcação nas possibilidades de relação com a massa: na identificação, o objeto (no caso, o líder) é introjetado no Eu, sendo suas características, então, mescladas àquelas já existentes. A outra possibilidade seria análoga aos estados de enamoramento e hipnose, em que o Eu se empobreceria em vez de enriquecer na relação com o objeto externo. O objeto externo é assim colocado no lugar do ideal do Eu, atraindo para si um considerável montante de libido narcísica e se apossando do amor-próprio do indivíduo. A relação com o líder, avança

Freud (1921/2011), dar-se-ia mediante esta modalidade, na qual o líder se apossaria do ideal do Eu de um indivíduo que, então, passaria a lhe prestar servil admiração e obediência. Ao integrar uma massa, ele então encontraria outros indivíduos que adotaram o mesmo líder como ideal do Eu, e tal relação entre os membros da massa aludiria a uma identificação pela posse de atributos em comum.

Freud (1921/2011) não se furta a comparar a situação da massa àquela da horda primitiva outrora exposta em *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2013), em que um pai tirano e monopolizador do prazer comandava seus filhos com mão pesada. Aqui, a despeito do trágico desenlace dessa história, com os filhos se unindo para matar o pai e devorar a sua carne, para Freud (1921/2011), de alguma maneira esse tirano primordial permaneceria como um ideal do Eu para os seus filhos parricidas, conduzindo-os a uma identificação entre si. A horda primeva continuaria então como uma herança inconsciente para as massas modernas. Assim, o ideal do Eu diria respeito não somente à ontogênese do indivíduo, isto é, ao conjunto de experiências pessoais de um organismo, mas também a uma herança filogenética, a uma capacidade inconsciente de simbolizar (Paul, 2006). É neste sentido que, de acordo com Freud (1913/2013; 1921/2011), em ambos os textos, seria possível afirmar que o homem não é um animal de rebanho, mas de horda.

A partir de tal argumentação, torna-se interessante destacarmos o quanto a massa diz respeito a uma constante interpenetração entre indivíduo e sociedade onde um guarda o segredo do outro. No fim das contas, a psicologia das massas necessita de uma análise do eu, bem como a análise do eu não pode prescindir de uma psicologia das massas, pois mesmo em massas coesas existe uma miríade de Eus divididos que sacrificam sua autonomia em nome do prazer ou do retorno a um estado menos penoso de plenitude narcísica. Contudo, neles não cessa a vigilância de uma instância crítica, não cessam os efeitos da cisão do Eu. E é com isto em mente que, em nosso segundo movimento neste artigo, investigaremos agora alguns elementos relativos aos conceitos de narcisismo e melancolia, bem como a revisitação feita por Freud (1921/2011) a eles em seu texto sobre as massas.

Quando o Eu é um Outro: Sobre a Relação Entre Narcisismo e Psicologia Das Massas em Freud

Conforme dito anteriormente, Freud (1921/ 2011) mobiliza uma série de conceitos psicanalíticos para apresentar as massas como um objeto também subsidiado pela libido e suas vicissitudes. Não nos parece adequado, porém, imaginar que tais conceitos reaparecessem de maneira absolutamente cristalizada e inalterada no texto de 1921. Assim se dá com o narcisismo, que, embora não seja decisivamente modificado em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, sem dúvida é apresentado sob uma perspectiva até então inédita na obra freudiana, ganhando novos contornos e destinos em uma análise mais devotada à formação do laço social.

Vale ressaltar que o entendimento do narcisismo enquanto exacerbada atribuição de amor a si mesmo e ao próprio corpo, então tomado como objeto sexual, já era anterior a Freud, figurando como um sintoma patológico relativo de diversas parafrenias tal como concebia a psicopatologia do início do século XX. A noção psicanalítica de narcisismo, por sua vez, seria proposta de maneira mais específica e pormenorizada por Freud (1914/2010) apenas em 1914, em *Introdução ao narcisismo*, em que o autor estende a compreensão das ditas “afecções narcísicas” para além das patologias, ao considerar o narcisismo uma parte fundamental do próprio desenvolvimento psicosssexual humano.

Com efeito, no texto em questão, Freud (1914/2010) argumenta que o bebê tomaria a si mesmo como objeto sexual antes de qualquer coisa, empreendendo os primeiros investimentos libidinais em seu próprio corpo. Assim, nos momentos iniciais do seu desenvolvimento, experienciaria uma etapa de autoerotismo marcada pelo investimento desordenado de pulsões que alcançariam sua satisfação parcial mediante a descoberta da erogeneidade do corpo. Mais adiante, esses investimentos primordiais passariam a constituir um esforço de formação do Eu que se manifestaria no fato de o bebê tomar a si mesmo como primeiro objeto de amor, o que perfaria o narcisismo primário. Finalmente, tais investimentos se deslocariam do Eu em direção aos objetos do mundo externo, podendo retornar ao Eu em uma espécie de capitulação que se daria mediante a retirada da libido investida alhures, o que poderia ser entendido como narcisismo secundário, potencialmente observável em situações de enfermidade e no estado de sono.

Freud (1914/2010) acrescenta que, no narcisismo primário, o bebê tomaria a si mesmo como onipotente centro das atenções e investimentos amorosos, movimento tributário ao que se poderia apontar como narcisismo dos pais, os quais frequentemente tentariam redimir, mediante a existência do rebento, uma série de aspirações narcísicas frustradas ao longo da vida. Com efeito, em média, o ideal narcísico de onipotência do bebê derivaria de um Eu ainda débil e em formação, mas exacerbadamente investido tanto pelo próprio infante quanto por sua família mais próxima. Isto resultaria no Eu Ideal, formação intrapsíquica que epitomiza tais ideais de onipotência e de acesso irrestrito ao prazer, endossado ainda por uma identificação primária com a mãe nutriz (Lagache, 2018). Dito de maneira distinta, a superestimação derivada do narcisismo primário e do investimento dos pais conduziria a uma idealização do Eu. Com a progressiva atuação tanto das repressões quanto das relações objetais ao longo do desenvolvimento da criança, essa megalomania narcísica do Eu Ideal tenderia a arrefecer. Então, pela via do complexo de castração o narcisismo infantil e a noção de Eu Ideal seriam decisivamente vulnerados e relegados ao inconsciente, permanecendo, porém, acessíveis por meio de sonhos, fantasias etc.

A castração imporia limites a esse Eu que, até então, era superestimado, frustrando-o em suas aspirações narcísicas e “convidando-o” a se adequar aos objetos, objetivos e limites impostos pela cultura, todos encarnados na figura paterna da trama edipiana. Ou seja, nos termos de Freud (1914/2010), com o tempo, o investimento original e característico no/do Eu Ideal se redirecionaria para objetos externos, modelos sociais validados pela cultura, que passariam a atuar como um ideal do Eu que, acolhendo o amor antes destinado ao Eu Ideal, passaria também à condição de um dos responsáveis pela mobilização narcísica do sujeito: quanto mais atinente ele estivesse aos seus ideais de Eu, mais ele se encontraria narcisicamente satisfeito.

Contudo, esse tipo de idealização cobraria o seu preço: ao investir em objetos externos, o Eu seria inevitavelmente empobrecido em sua economia libidinal, podendo ser recompensado com a satisfação de tais pulsões destinadas aos objetos investidos. Assim, se, no narcisismo primário, a satisfação narcísica era restrita ao circuito fechado da identificação primária, autoerotismo e Eu ideal, nas etapas seguintes, passará a depender também da complexidade das relações objetais. Ainda de acordo com Freud (1914/2010), outra

consequência da justaposição entre narcisismo e o cumprimento de um ideal do Eu é que o Eu passaria a ser medido e julgado de acordo com esse ideal revestido de perfeição, de modo que se o Eu estiver “distante” de alcançá-lo, será vitimado por críticas e reprovações. Como é possível notar, já aqui Freud (1914/2010) prenuncia, mediante o conceito de Ideal do Eu, a instância (super) egoica que, responsável por autocríticas e atribuições de culpa, alguns anos mais tarde seria denominada de Supereu (Freud, 1923/2011).

Aqui, ao conjugar os resquícios do narcisismo infantil, o sucesso nos investimentos objetivos e a satisfação derivada do cumprimento das exigências dos ideais de Eu, Freud (1914/2010) compõe o que poderíamos chamar de “amor-próprio”, o qual seria derivado de satisfações substitutivas providas pelo ideal do Eu. Assim, um sujeito que não consegue ter suas aspirações narcísicas satisfeitas por meio de investimentos amorosos, por exemplo, poderia se sentir realizado mediante o sucesso do seu ideal do Eu. É nesse contexto que Freud (1914/ 2010) cogita a importância dos grupos para a satisfação narcísica de seus membros, empreendendo uma interessante tentativa de ampliação dos conceitos unidos sob o “guarda-chuva” do narcisismo para compreender a psicologia das massas. Como no excerto a seguir:

Do ideal do eu sai importante caminho para o entendimento da psicologia de massa. Além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação. Liga não apenas a libido narcísica, mas também um montante considerável da libido homossexual da pessoa que, por essa via, retorna ao Eu. A insatisfação pelo não cumprimento desse ideal libera libido homossexual, que se transforma em consciência de culpa (angústia social). A consciência de culpa foi originalmente medo do castigo dos pais, da perda do seu amor; o lugar dos pais foi tomado pelo indefinido número de companheiros. (Freud, 1914/2010, p. 50)

Vale notar que, na passagem acima, Freud (1914/2010) ainda não menciona a presença de um líder como elemento *sine qua non* da psicologia das massas. O entendimento de Freud, em 1914, parece apontar para um “ideal do Eu” comum como motivador da ligação da massa, o que é uma ideia bem menos concreta do que a proposição de um líder que encarnasse esse ideal do Eu, acréscimo feito somente anos mais tarde, em

1921. Portanto, cabe agora discutir algumas das aplicações do conceito de narcisismo ao longo de *Psicologia das Massas e Análise do Eu*.

De maneira sintética, podemos dizer que os acréscimos feitos por Freud (1921/2011), em relação às suas impressões de 1914 acima reproduzidas, remetem principalmente à natureza libidinal e identificatória das ligações na massa ensejadas pela relação com um líder. Este líder precisaria aparentar autossuficiência e amor-próprio tais que remetesse os seus seguidores ao estágio infantil e “majestoso” do Eu Ideal. Sua liderança se imporia, portanto, por meio de uma capacidade narcísica elevada que suscitaria na massa a possibilidade de um retorno ao gozo irrestrito típico do narcisismo infantil.

É nestes termos que, na perspectiva de Freud (1921/2011), o líder seria idealizado pelos seus comandados e cada um deles reservaria um íntimo desejo de tomar o seu lugar, de maneira a adquirir semelhante facilidade em experimentar o prazer. Em uma palavra, tal idealização daria um amplo fundo narcísico, com a adesão aos ditames do ideal do Eu, agora corporificado na figura do líder, estabelecendo-se pelo desejo inconsciente de retornar ao estado de onipotência do Eu Ideal. Consequentemente, a influência do líder não seria ensejada unicamente pelo simples exercício da sua autoridade, mas por esta autoridade representar um possível caminho para que o sujeito pudesse acessar uma plenitude narcísica outrora vivida e depois perdida.

De maneira semelhante, para Freud (1921/2011), todos os seguidores da massa desejariam ser amados pelo líder e talvez travar com ele relações mais íntimas. A impossibilidade disso, todavia, acabaria por conduzi-los a estabelecer entre si uma espécie de pacto implícito: ninguém deve ter acesso privilegiado ao líder, todos devem ser iguais na renúncia. Para o mesmo Freud (1921/2011), eis aí o fundamento do laço social. A transformação do egoísmo em altruísmo e solidariedade, no entanto, teria como pano de fundo o fato de que cada um dos membros da massa não quer ser lesado em seu narcisismo ou abdicar dos ganhos narcísicos decorrentes do seu engajamento. Isto aponta para a interessante perspectiva de o fundamento da sociabilidade humana poder ser engendrado a partir da inveja, do ciúme e do temor de que o outro possa ter ou ser merecedor de mais prazer. Assim sendo, todos devem se resignar igualmente.

Logo, entre membros de uma mesma massa não existiriam apenas sentimentos fraternos. Como todas as relações humanas, as que ocorrem entre os integrantes da massa também seriam marcadas pela ambivalência de afetos, isto é, a coexistência e interpenetração entre ódio e amor, hostilidade e ternura. É neste momento de seu texto que Freud (1921/2011) salienta a importância, para a união de uma massa, da existência de outra massa rival que funcione como depositário da hostilidade poupada aos semelhantes, movimento este anteriormente denominado de “narcisismo das pequenas diferenças” (Freud, 1917/2013). É bem verdade, pondera Freud (1921/2011), que a existência de uma massa rival não extingiria totalmente as tensões internas de outra. De qualquer forma, fomentaria a perpetuação desta última na medida em que deslocaria para si própria o dispêndio de todo um volume de ódio e intolerância potencialmente mortíferos, caso fossem empregados internamente¹.

As massas demonstram, portanto, ser um vetor privilegiado de ganhos narcísicos. E, ainda que existam, nelas, numerosos sentimentos de hostilidade e ciúme, a relação entre os seus membros tende a se caracterizar por um intercâmbio de incentivos e apoio, intercâmbio este ensejado pela condução de um líder que suscita a fantasia de, mediante sua presente atuação como ideal do Eu, devolver aos partícipes algum quinhão do seu (antigo) Eu Ideal. Conforme exporemos a seguir, tal submissão com intenções narcísicas também pode ser observada na análise freudiana da melancolia.

¹ Um exemplo desse processo se encontra em Batista e Cunha (2012), que estudaram o ambiente e as relações existentes na torcida organizada de um time de futebol, privilegiando a fala dos torcedores. Contudo, o interesse dos autores não se limitou às falas em si, buscando ainda elementos inconscientes no discurso dos entrevistados, o que possibilitou o vislumbre de uma atualíssima manifestação dos fundamentos da psicologia das massas. Nestes termos, os torcedores salientavam o quanto era importante nutrir hostilidade pelos torcedores rivais para que as relações dentro da própria torcida se tornassem mais fraternas. Com efeito, após períodos de embate político interno e a conseqüente ascensão de potenciais antagonismos, nada poderia ser mais apaziguador do que brigas com uma torcida organizada rival. Diante disso, Batista e Cunha (2012) apontam o quanto, mesmo que a paixão pelo próprio time não seja tão premente, o ódio ao adversário parece ser um elemento suficientemente aglutinador para as torcidas organizadas enquanto massas contemporâneas.

(Des)Caminhos para um Eu idealizado: sobre melancolia e massas

Seguindo a perspectiva exposta nos parágrafos anteriores, uma série de observações sobre a especialização de uma instância no interior do Eu também se encontra na obra *Luto e Melancolia*. Nela, Freud (1917/2010) argumenta que tanto luto quanto melancolia seriam reações à perda de uma pessoa ou de uma ideia amadas. Com efeito, ambos também seriam caracterizados pelo abatimento, pela perda de interesse no mundo exterior e da capacidade de amar. Contudo, a melancolia se diferencia por afetar a autoestima mediante recriminações e ofensas à própria pessoa do melancólico, além da presença de uma espécie de desejo de punição. Diversamente do que ocorreria no trabalho do luto, onde a libido investida no objeto perdido seria progressivamente desligada deste, o estado de melancolia se caracterizaria ainda pela dificuldade em saber conscientemente o que foi perdido de fato, com os efeitos da subtração do objeto se observando mais a nível inconsciente. Neste sentido, ocorreria um empobrecimento agudo não do mundo exterior, como no trabalho do luto, mas do próprio Eu, resultando em sentimentos de inferioridade, expectativas de castigo e delírios de pequenez de ordem moral.

Com efeito, na melancolia haveria uma significativa perda do amor-próprio, derivada, por sua vez, de uma perda no próprio Eu. A insatisfação com o Eu, diz Freud (1917/2010), derivaria de um recuo da libido para este mesmo Eu, que se identificaria com o objeto perdido, incorporando-o. Inconscientemente, o objeto perdido seria alvo de sentimentos ambivalentes como nostalgia e hostilidade – isto é, constituir-se-ia na qualidade de objeto de amor e ódio. O conflito entre tais sentimentos ambivalentes chegaria ao seu paroxismo mediante a cisão desse Eu, que passaria a ter uma instância autônoma dentro de si cuja função seria criticar e atribuir culpa ao próprio Eu. Naturalmente, esta instância também criticaria o objeto introjetado, devotando a ele especial sadismo.

Nos termos de Freud (1917/2010), poder-se-ia dizer que o investimento do melancólico se bifurca, sendo uma parte dele destinada à identificação com o objeto, ao passo que outra parte regressaria ao sadismo. Daí o Eu se apresentar dividido em dois pedaços: um deles (o próprio Eu) modificado pela introjeção do objeto perdido e o outro (o ideal do Eu) ficando responsável por vigilância e reprovações em relação a sua contraparte. O sadismo e a hostilidade, cujo destinatário original seria o objeto de amor perdido, passariam

agora a ser também dirigidos ao Eu, promovendo assim um penoso embate entre as duas instâncias. Com isso, o Eu se empobreceria, recriminando a si mesmo em nome das supostas ofensas e acintes originalmente perpetrados pelo objeto perdido.

Ocorre que, ainda segundo Freud (1917/2010), o Eu também poderia se rebelar contra o seu algoz costumeiro – qual seja, a instância crítica –, permitindo eventuais transgressões a si mesmo. Por exemplo, em estados de mania, em que o Eu passaria a fruir da ausência de crítica, emulando uma união pacífica com o seu ideal do Eu em uma aparente superação em relação ao objeto perdido. No entanto, tal trégua costumaria ser efêmera, resultando em posterior e mais onerosa série de reprovações e críticas direcionadas ao Eu.

Tal conflito, segue Freud (1917/2010), teria como pano de fundo a recusa do Eu em aceder à realidade da perda do objeto. O Eu se tornaria, assim, um refúgio para os investimentos outrora dedicados ao objeto perdido, com o processo de identificação assumindo o papel de fazer com que o Eu se tornasse um asilo para a conservação desse objeto ainda vivo, o que, por seu turno, despertaria os protestos e reproches do ideal do Eu, um representante também das exigências sociais e culturais que manifestaria internamente a sua oposição ao dano causado pela recusa melancólica em aceitar a perda. Este conflito seria expresso, também, pela necessidade do sujeito de se humilhar e se enxovalhar perante outros, em um Eu que se permitiria ser “apenas mais um” objeto na relação com seu ideal do Eu, deixando-se subjugar pela culpa e pela expectativa de punição em nome da anistia ao objeto perdido, eterno estranho-familiar sobre o qual abundam tanto investimentos amorosos quanto hostilidade (Santa Clara, 2007).

O que não deixa de ser intrigante no quadro melancólico descrito por Freud (1917/2010) é a presteza masoquista da submissão do Eu tanto ao objeto perdido quanto à severidade do ideal do Eu. Segundo Assoun (2002), isso se deveria ao fato de o melancólico investir em um objeto externo para mitigar a parca imagem de si, resultante de atribulações e ausências no estágio das identificações primárias. O melancólico parece buscar no outro algo de si mesmo, algo que lhe permitiria reaver uma unidade ora ausente. Dito de maneira distinta, o melancólico parece esperar desse objeto ao mesmo tempo amado e odiado, perdido e mantido a reparação de um narcisismo ferido e fragmentário, com o medo da perda do outro se configurando como o medo da

desintegração de si mesmo. Entretanto, a forçosa identificação do objeto com o Eu dificulta a visualização deste objeto como alteridade, porquanto, tanto o Eu quanto o objeto são enquadrados em uma fusão arbitrária.

Pois bem, ocorre que esse pendor do Eu a se submeter a um objeto externo seria novamente abordado em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, em que Freud (1921/2011) admite, inclusive, a tentativa de retomar algumas discussões que ficaram inacabadas em seu texto anterior sobre a melancolia. Nesse sentido, a cisão do Eu e, por conseguinte, a especialização de um ideal do Eu, podem não progredir de maneira satisfatória em muitos casos. De maneira que, sem embargo, a substituição do ideal do Eu pelo ideal da massa (o líder) seria deveras facilitada se os ideais de Eu de um determinado indivíduo forem menos consistentes e prementes. Nesses casos, um líder não precisaria de grandes predicados para ocupar o lugar de ideal do Eu de um sujeito assim constituído.

Aqui a figura caudilhesca do líder passa a ser a medida e o modelo para um Eu que busca apreensivamente algo que lhe defina e dê sentido. É verdade que, conforme Freud (1921/2011), diversamente das afecções melancólicas, no caso da formação da massa o líder seria colocado no lugar do ideal do Eu dos adeptos. Independentemente disso, porém, avança o mesmo Freud (1921/2011), também aí ocorreria uma introjeção de objeto semelhante àquela da melancolia. Nas duas situações, o Eu se deixaria subjugar pela exigência de conservar o objeto, identificar-se com ele, assimilar dele algo que o defina e o permita fruir satisfatoriamente de seu narcisismo. Assim, a cisão do Eu aparece como um pré-requisito tanto para a melancolia quanto para a formação das massas.

Ao fim e ao cabo, Freud (1921/2011) parece revisitar o conceito de melancolia em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* para nele buscar um novo fundamento ou explicação para o pendor da massa à submissão a um líder forte. Ou seja, para além da herança filogenética inconsciente de traços mnêmicos deixados pela intensa relação de poder outrora vivida com o pai primordial da horda primitiva tal como exposta em *Totem e Tabu*, para Freud (1921/2011) também a propensão ao rebaixamento e a renúncia à autonomia presentes na melancolia se juntariam como componentes de uma mistura potencialmente explosiva cuja dissecação poderia lançar novas luzes sobre o enigma representado pelo considerável grau de masoquismo expresso pela massa.

Para encerrarmos este tópico e assim passarmos a algumas considerações finais, lembramos a observação de Freud (1933/2010) de que o Eu tem a penosa sina de servir a três senhores severos: mundo externo, Isso (*Es*) e Supereu, sendo, por isso, compreensível que fracasse tanto nessa tarefa, buscando então retornar ao estado de autossuficiência do Eu Ideal. Nestes termos, não nos parece descabido equiparar a adesão a uma massa – e, com ela, aos desígnios de um líder – e o quadro melancólico como diferentes veredas que pretendem chegar ao mesmo destino: qual seja, àquele Eu Ideal do narcisismo infantil, mesmo que o custo disso seja a servidão perante um objeto ou a “terceirização” do prazer para o ideal do Eu. São muitos os riscos assumidos pelo Eu na sua busca de um novo acesso a algo que se assemelhe àquele narcisismo um dia perdido. Não há dúvida, porém, de que esse mesmo Eu não atravessa tal caminho impunemente.

Considerações Finais

De posse de tudo o que expusemos até aqui, em primeiro lugar reiteramos o quanto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* continua a despertar atenção e curiosidade, tratando-se de uma obra que permanece aberta a novos olhares e interpretações. Foi, portanto, a partir desta perspectiva que empreendemos um esforço no sentido de demonstrar que as vicissitudes do narcisismo, bem como o modelo de economia psíquica típico da melancolia, revelam-se importantes para a compreensão da estrutura libidinal da massa. Em tal movimento, para além da análise do processo identificatório em Freud e da aposta deste último na massa como reedição da horda primeva, torna-se relevante destacar que o emprego do par de conceitos aqui analisados endossa bastante a ideia de uma continuidade e interpenetração entre os registros do “eu” e do “outro”, ideia esta tão cara ao mesmo Freud.

Um segundo aspecto a destacar deste nosso percurso reside na inquietante constatação do quanto, a partir de Freud, de maneira bem diferente de certa interpretação ao mesmo tempo ingênua e bastante difundida, o propósito da adesão a uma massa aparece guiado não por desprendidos componentes altruístas, mas por fortes interesses narcísicos. Algo similar ocorre na melancolia, em que o outro é introjetado para suprir uma carência de ordem egóica, ainda que, em ambas as ocasiões (ou seja, na massa e no quadro melancólico), faça-se presente não um Eu onipotente, mas cindido e servil, desdobrando-se para atender a severos senhores como o mundo externo, o Isso e o Supereu, conforme observamos há pouco. Diante disso,

não é espantoso que esse mesmo. Eu, tal como na hipótese freudiana do narcisismo secundário, revele o pendor a retornar a um Eu Ideal que, sempre presente em indelévels marcas psíquicas mais ou menos conscientes, torna-se bastante sedutor em sua nostálgica representação de sensações de prazer e autossuficiência vivenciadas anteriormente.

Ocorre que, após o ingresso do Eu (isto é, da sua parte consciente) na lei e no pacto social, a relação com o outro se torna simplesmente inevitável, a ponto do Eu Ideal ter de ceder lugar a uma instância (ideal do Eu) que acolha as influências externas, buscando alguma satisfação narcísica dentro das limitações impostas pelas normas culturais. E é assim que o binômio Eu Ideal/Ideal do Eu se torna fundamental para melhor compreendermos aquilo que, desde Le Bon (1895/1995), apresenta-se como “o masoquismo da massa”, ou seja, sua propensão à submissão e obediência a um líder forte. Cabe observarmos, no entanto, que a troca do ideal do Eu pelo (Eu) ideal da massa não se dá por um mero pendor masoquista diante de figuras de autoridade, mas pela promessa de ganhos narcísicos e, com eles, por alguma possibilidade de restituição daquele “bom e velho” Eu Ideal uma vez experimentado e depois forçosamente abandonado.

No fim das contas, as massas se apresentam, então, como circuitos de afetos onde pulsam identificação, fraternidade, servidão e altruísmo, mas também intolerância, hostilidade, autoritarismo e vilania. Neste sentido, acreditamos que nossa retomada e análise do narcisismo e da melancolia em sua relação com a psicologia das massas freudiana também revele seu préstimo por apontar o quanto todas essas três esferas dizem respeito a uma retração da libido do mundo externo em direção ao Eu, com a complexidade das relações objetais sendo, ao menos em parte, abandonada na esperança de um retorno ao autocentramento narcísico. Ou seja, ao encerrarmos aqui (ao menos por ora), dividimos com o leitor a reflexão acerca do quanto a capacidade de reconhecimento e aceitação da alteridade pode jazer comprometida não apenas em eventualmente reclusos sujeitos narcísicos e/ou melancólicos, mas também em sujeitos que se reúnem na formação de massas e que, ainda assim, em um sentido bastante preciso, manter-se-iam “solitários na multidão”.

Pois bem o sabe a psicanálise, desde seu nascimento, o quanto costuma ser um processo bastante difícil e mesmo doloroso o da aceitação de que o Eu é necessariamente um Outro, com a consequente admissão de que o que se apresenta como diferente tem muito a dizer sobre o que constitui os domínios do que entendemos por Eu. Assim, embora derivado de escritos que já completaram ou em vias de completar um século, acreditamos que um movimento como o do presente artigo – pautado, como vimos, pelo resgate e atualização das ideias de Freud acerca das temáticas do narcisismo e da melancolia em sua aproximação com o psiquismo das massas – se mantenha não somente atual, mas mesmo necessário.

Com efeito, esperamos ainda que, a despeito das suas inevitáveis imperfeições e incompletudes (ou precisamente por elas), esse mesmo movimento arriscado aqui impulse outros trabalhos do gênero. Afinal, a contemporaneidade permanece pródiga em oferecer, no Brasil e no mundo, uma série de modelos identificatórios personificados em lideranças carismáticas sempre prontas a assumir o papel de ideal do Eu para massas igualmente dispostas a excluir, com grandes doses de intolerância e violência física e simbólica, todos aqueles que lhes pareçam perigosos na sua mera existência enquanto diferença. E esta recorrente submissão cega a tal imperativo, nunca é demais lembrar ou insistir, requer também de nós, estudiosos e/ou interessados na psicanálise, vigilância, tenacidade e oposição constantes. Freud nos deixou preciosas armas para tanto. Que as utilizemos com sapiência.

Referências

- Assoun, P. L. (2002). *A crueldade melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Batista, K. R., & Cunha, E.L. (2012). A experiência psicanalítica na investigação social: considerações sobre método. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(2), 260-275. Recuperado de: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/823/720>
- Freud, S. (2013). O tabu da virgindade. (P. Souza, Trad.). In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 9, pp. 364-388). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2013). Totem e Tabu. (P. Souza, Trad.). In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. (P. Souza, Trad.). In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 16, pp. 11-54). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. (P. Souza, Trad.). In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2010). A dissecação da personalidade psíquica. (P. Souza, Trad.). In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 18, pp. 192-223). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. (P. Souza, Trad.). In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 14, pp. 161-243). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte. (P. Souza, Trad.). In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 12, pp. 209-246). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). Introdução ao Narcisismo. (P. Souza, Trad.). In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 12, pp. 14-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

- Freud, S. (2010). Luto e Melancolia. (P. Souza, Trad.). In S. Freud, *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 12, pp. 151-208). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Goldenberg, R. (2014). *Psicologia das massas e análise do eu: solidão e multidão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Jonsson, S. (2013). After Individuality: Freud's Mass Psychology and Weimar Politics. *New German Critique*, 40(2), 53-75. doi: 10.1215/0094033X-2077699
- Lagache, D. (2018). *The Work of Daniel Lagache: Selected Papers 1938-1964*. Nova Iorque: Routledge.
- Le Bon, G. (1995). *Psychologie des Foules*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1895).
- McDougall, W. (1973). *The Group Mind*. Cambridge: Cambridge University Press. (Trabalho original publicado em 1920).
- Paul, R. A. (2006). Freud's anthropology: a reading of the “cultural books”. In J Neu (Org.). *The Cambridge Companion to Freud* (pp. 267-285). Cambridge: Cambridge University Press.
- Santa Clara, C. J. (2007). Melancolia e narcisismo: a face narcísica da melancolia nas relações do eu com o outro. *Mental*, 5(9), 131-150.. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v5n9/v5n9a09.pdf>
- Strachey, J. (1940). Editor's note to “Group Psychology and the Analysis of the Ego”. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud, Volume XVIII (1920-1922): Beyond the Pleasure Principle, Group Psychology and Other Works* (pp. 65-66). London: Hogarth Press and Institute of Psycho-Analysis.
- Tarde, G. (1993). *Les Lois de L'imitation*. Paris: Kimé. (Trabalho original publicado em 1888).